



Gaiato

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

15 de Março de 1997 • Ano LIV • N.º 1383
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Um quadro, como há muitos, na cidade.



Património dos Pobres

**Escândalos antigos
continuam actuais
no nosso tempo**

A mensagem do Papa a todo o mundo, para esta Quaresma, foi chamar o empenhamento de todos para «os que não têm casa». É um problema universal que deve inquietar a Humanidade.

Também um dos nossos Bispos dirigiu, aos seus diocesanos, a mensagem quaresmal: «Os sem-abrigo. O pecado é uma realidade que atinge a todos. É necessária a solidariedade entre todos e a sua paróquia».

Sabemos que este Bispo tem consciência de que na sua Diocese há muitas famílias sem abrigo. Famílias numerosas a viver em currais velhos, casebres, barracas e casas em ruínas. Sabemos e temos obrigação de revelar para correspondermos àquilo que Pai Américo nos deixou escrito:

«Os Padres da Rua, que não receberam este nome por estarem em Casa a dirigir os donativos que recebem, têm de calcorrear com frequência os carreiros do tugúrio. Chegam-nos mensagens de toda a espécie: é a Rua que chama por nós.»

E logo uma voz se levantou: «Padre, diga-nos coisas da vossa vida. Não se cale... Há muitas coisas que desconhecemos».

Desta vez começámos por subir ao cimo da encosta procurando barracas habitadas por muitas crianças que ali conhecemos. Lá só encontramos restos demolidos e ervas mais crescidas a ocultar os carreiros que usavam. Ficámos felizes e sabemos que aquelas famílias foram habitar casas que a Câmara havia comprado; casas em ruínas, mas o pároco e a paróquia deitaram mãos e tornaram-nas decentes.

Meditámos o que poderiam fazer as Câmaras, as Juntas, as Paróquias se dessem as mãos para ajudarem a solucionar o grande problema da habitação!

Numa rua adiante parámos junto do casebre miserável onde a velhinha e o filho desempregado continuam à espera da «casinha que nos prometeram». Os Pobres esperam sempre.

Continuámos a nossa visita pela grande cidade. Encontrámos muitas barracas dispersas à mistura com edifícios novos e atraentes. Casebres arruinados, encobertos com novos prédios. Amondoados de pessoas desempregadas. Comboios antigos de casas pequeninas. Muitas avenidas projectadas à espera. Valas a escorrer água suja e esgotos com lixo, tudo à mistura e à vista de toda a gente.

Noutro extremo passámos por ruas novas e bem traçadas, ladeadas de ricas habitações, autênticos palácios, com jardins bem cuidados e vistosas piscinas. Uns com tanto e outros com pouco ou mesmo nada!

Não nos inquieta a beleza e o conforto, mas o excesso e a falta de partilha e comunhão. Parece-nos que são estes os escândalos do nosso tempo.

Padre Horácio

CALVÁRIO

Artur José

«DEUS escolhe os fracos para confundir os fortes.»

Nunca senti tão forte esta palavra de S. Paulo como hoje, ao ver partir do nosso convívio terreno o Artur José.

Nasceu com hidrocefalia e, em consequência de meningocelo, parálitico desde sempre.

Veio dum hospital de Lisboa para o Calvário, com onze meses. A sua família eram os doentes desta Casa, onde viveu trinta e quatro anos.

Apesar das limitações, era o meu braço direito.

Inteligente, responsabilizava-se em todos os pormenores pelo pavilhão em que vivia.

Hábil de mãos, era ele quem dirigia a sala de trabalhos manuais, onde se ocupam alguns doentes com mais capacidades.

Atento a tudo, era ele que chamava a atenção aos demais para a obrigação de cada um.

Sentado em carro de rodas parecia um inválido, mas era um dos mais válidos nesta comunidade. Chegava onde muitos não chegam. Fazia o que muita gente válida não faz. Fraquito, era dos mais fortes de todos.

Começa a sentir-se muito a sua falta, difícil de preencher.

Deixa saudades e gratas e amorosas recordações.

O Senhor levou-o.

Espero que, em breve, Ele nos traga alguém para o seu lugar.

Padre Baptista



Ecos d'África

No olhar corredio que diariamente deito à Comunicação Social, sempre me detenho em toda a notícia que diz respeito à África. África é um amor que vem de menino e se foi tornando cada vez mais consciente, mais preferencial, no correr do tempo. Por isso leio com alegria o anunciar de iniciativas, o nascer de entidades que prometem trabalho sério e fecundo para uma África que se quer adulta, verdadeiramente autónoma — do que, depois dela própria, todo o mundo lucrará (não tanto, é claro, como lucra, no estado actual, uma porção ínfima, desvergonhada, do mesmo desvairado mundo!). Leio com alegria... e fico esperando novas de frutificação. Fico esperando... Mas para além de deslocações dispendiosas de importantes,

de encontros sem sequência eficaz, de sessões solenes, de discursos empolados, de almoços e jantares..., nada vou tendo para ler.

As duas jovens professoras que idealizaram ir servir connosco, em Malanje, aquele povo e a língua portuguesa, pelo preço, só, da contagem do tempo de serviço, continuam aguardando o achamento de «mecanismos legais» no Ministério da Educação e qualquer sinal de interesse da Secretaria de Estado da Cooperação, surda e muda ao longo de um ano de provocação nossa de diálogo. É uma tristeza, tudo quanto é oficial!

Estes dias (a 7 de Fevereiro) vai realizar-se um Encontro «cujo tema se centra no triângulo Portugal-Europa-África». A seu propósito, o «Dr. Emani Lopes referiu que 'Angola pode ser uma potência regional em África no horizonte de vinte anos'; mas, se não conseguir gizar este desígnio nacional, 'é destruída'».

E insiste: «A África ainda não está perdida mas, 'se continuarmos como até aqui, dentro de uma década está perdida'».

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

SABER ESCUTAR — Aqui e ali, por vezes, limpamos lágrimas que brotam espontaneamente da alma ou do coração de quem precisa — e que atendemos.

Hoje, foi uma velhinha. Avó que, periodicamente, recebe ajuda preciosa dos nossos Leitores para o lar da filha, muito doente, e dos netos.

Ela reconhece, a seu modo, o valor da contribuição, mas sofre mais quando surgem problemas que não consegue amenizar, tão pouco vencer.

Escutámos a confidência, até ao fim, com as repetições de quem tudo quer dizer, sem perder um pormenor que seja.

É muito importante saber escutar; ou melhor, procurar saber escutar os Pobres!

PROMOÇÃO SOCIAL

— O deficiente fora encaminhado para servir numa instituição, auferindo pequena retribuição oficial — o salário de estímulo.

Gostam muito do serviço, do feito do homem, os utentes e a própria administração.

Hoje, porém, em conversa banal, expõe a necessidade de ajuda nos transportes e a hipótese dum posto de trabalho, no próprio local, para a mulher: — *Ela anda lá prò Porto e, aqui, estaríamos juntos...*

Que não seja mais, prega à sua maneira, de modo que se entenda, o valor específico do Matrimónio: «*Estaríamos juntos*».

Caminhámos em busca do responsável da instituição. Afinal, um samaritano nosso conhecido, sempre pronto a dar a mão aos Outros, aos mais Pobres. Estamos sintonizados! Confirma o diagnóstico da situação que procurará melhorar, na medida do possível. Inclusive, a hipótese dum posto de trabalho para a mulher, que seria a completa promoção social desta gente.

PARTILHA — Assinante 57002, da Senhora da Hora, com o «pequeno contributo do mês de Fevereiro que poderão distribuir como melhor entenderem». Cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados» e com as habituais intenções. Mil, da assinante 52627. Cheque, da assinante 45653, do Porto.

Maria da Luz, também do Porto, faz luz: «*Acabei de ler O GAIATO. A minha meditação é feita por ele, no dia em que chega. Neste número o que mais me 'mexeu' foi um doente considerado 'marginal', palavra que não gosto de pronunciar — mas que infelizmente existe. Gostaria que esta pequenina migalha — desculpem ser tão pouco — fosse para eles*». Cumprimos.

Remanescente de contas, da assinante 24155, de Freixieiro, «*sendo esse pequeno excesso para uma necessidade dos mais necessitados*». Dez mil, da assinante 21319, de Guimarães, que lembra amiga que Deus levou. Quatro mil, da assinante 31364, da Maia, pedindo desculpa da caligrafia, mas, oh delicadeza!, «*os meus*

noventa anos já não permitem que faça melhor».

Outro contributo mensal, agora do mês de Fevereiro, enviado pela assinante 14493, do Porto, «*com amizade por todos*». Mais outro, idem, de Coimbra, também por cheque, «*para ajuda da conta da farmácia ou para o que entenderem*». Que rico pensamento de S. Gregório Magno estampado na carta! «*A humildade é mestra e mãe de todas as virtudes*».

Abram alas que passa agora uma velha Amiga, de Figueira de Castelo Rodrigo: «*Sentindo que o meu fim está próximo — o que é natural aos meus noventa e um anos — resolvi distribuir as minhas pequenas economias, pedindo uma oração pela minha boa morte*». Levantemos os olhos ao Céu — e demos graças a Deus.

Assinante 60788, da Capital do Norte: «*Segue este modesto contributo, 20.000\$00, que tem já expressão Pascal, para medicamentos dos que a vós recorrem ou para o que julgarem mais urgente. Que Deus se compadeça de familiar doente e o receba no Seu seio*». Ele é o Senhor de Misericórdia!

Outra Amiga que sofre, no calvário da vida, assinante 28740, de Paredelas, mil para os nossos Pobres. A mesada habitual, da assinante 31104, de Lisboa: «*É ajudando o Próximo que encontro Deus*». E mais um cheque, de cinquenta mil, do assinante 32986, do Porto — com recordações de Pai Américo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTRO — Mais uma vez, damos notícias da nossa Associação. Está marcado o nosso Encontro para 29 de Junho, em Miranda do Corvo. Com esta antecedência, satisfazemos o interesse de colegas que poderão fazer os seus cálculos, de forma que não haja desculpa por possíveis faltas.

Tentamos ainda uma reunião na região de Coimbra, para os que não possam ir a Miranda do Corvo. Talvez seja em Maio. Na altura própria informaremos directamente.

Podemos também anunciar que procuramos organizar, em Coimbra, em Outubro, uma Exposição sobre a Vida e Obra de Pai Américo. Já pedimos

colaboração à Câmara Municipal. Quando esta notícia sair, talvez estejamos autorizados a dar os passos necessários. Contamos que tudo nos seja facilitado, ao contrário do que sucedeu há 10 anos, aquando das comemorações do Centenário, sendo-nos então dado o dito pelo não dito...

Aproveitamos a oportunidade para enviar condolências às famílias do Armando Marques e do Emílio da Rocha Oliveira, este um dos primeiros gaiatos da nossa Obra, que faleceram recentemente.

Manuel dos Santos Machado

TOJAL

FESTAS — Os ensaios continuam a bom ritmo e não falta entusiasmo e trabalho.

DOENTES — Temos alguns com gripe e papeira.

CARNAVAL — Toda a gente se divertiu, pregando partidas uns aos outros.

PEDIDOS — Solicitamos aos nossos Amigos: bolas de futebol, muito necessárias para

RETALHOS DE VIDA

Gilberto



Chamo-me Gilberto Cabrita. Nasci em Vila Real de Santo António, em 1985. Portanto, tenho onze anos; e dois irmãos, Ricardo e David que vieram comigo para a Casa do Gaiato de Setúbal.

Quando eu tinha oito anos fui para um Centro de Recuperação com os meus pais. Não gostava de estar lá e uma semana depois fugi para a terra onde vivia. Sendo os meus pais toxicodependentes, não podíamos estar mais tempo com eles.

Vim, há dois meses, para a Casa do Gaiato de Setúbal. Aqui, estou bem. Temos muitas coisas. Exemplo: pombal, oficinas, garagem, piscina, campo de futebol, casa da praia, vacaria, escolas, sala de estudo, refeitório, Capela, salão; e também temos um Lar em Setúbal.

Vou à escola. Brinco todos os dias. E fora das horas de estudo faço pequenos trabalhos. Divirto-me com tudo isso.

Gilberto Cabrita

divertimento dos nossos rapazes; e, também, acessórios para as nossas Festas: roupas, materiais de maquilhagem, cabeleiras, tesouras, cola, especialmente micros de lapela

(pequenos micros que se apoiam na roupa, sem fio).

DESPORTO — Em 1 de Fevereiro alguns miúdos realizaram um encontro de futebol.



BENGUELA

ELEIÇÕES — Em nossa Casa há eleições todos os anos. Mas, porque o chefe-maioral cometeu falta grave, chegámos a um consenso: que a eleição fosse já efectuada.

A campanha eleitoral começou no dia 12 e terminou a 14 de Fevereiro. Não foram precisos cartazes nem escrever nas paredes.

Quatro candidatos: Agostinho, Honório, Góia e Amândio. No dia 15, o acto eleitoral foi muito concorrido.

Resultado: 8 votos para o

Agostinho; 6 para o Góia; 28 para o Honório; 57 para o Amândio que ganhou logo na primeira volta por maioria absoluta! Houve ainda 8 votos nulos. Em suma, temos chefe-maioral, o Amândio, que recebeu uma salva de palmas.

Laurenço Sapalo

Apesar da expectativa, perderam por 8-2.

JARDINS — Devido ao esforço dos rapazes e ao bom tempo, os nossos estão a ficar muito bonitos.

ACONTECE — Há dias, o nosso Padre Cristóvão pediu ao José Vicente para regar duas plantas com sede. No dia seguinte, passou perto do canteiro, mas, para seu espanto, as flores não estavam lá. Pergunta a um miúdo se sabia de algo, mas a única pessoa que viram, ali, foi o José Vicente. O nosso Padre Cristóvão chamou-o e perguntou onde tinha posto as flores. Nem mais nem menos, no ribeiro para matarem a sede! (Se não vai Maomé à montanha, vai a montanha a Maomé).

Arnaldo Santos

Crónica do Lar do Porto

A essência do nosso viver está no saber desconhecido do instante seguinte. Ignoramos o que será. Logo, esse momento poderá ser do nosso agrado ou desagradado. Quero com isto dizer que «o cair» é tão natural como o sermos humanos, já que «errar é humano». Contudo, uma guerra tem várias batalhas e perder uma não é perder a guerra. Também nos estudos devemos ter força de vontade para vencer o máximo de batalhas, mesmo que fiquemos algumas pelo caminho.

Em suma, não nos devemos esconder pelo nosso erro, pois é errando que se aprende.

Daniel («Cenoura»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há homens que respiram, que falam, que trabalham, e que ficam indiferentes aos gritos ou ao silêncio aterrador dos que sofrem de alguma maneira. Não sentem a injustiça como um fardo; e mais do que isso, agem no sentido da indiferença, só pensam em aumentar o seu império no Mundo. A falta de coração e a indiferença é a mais assustadora das doenças hoje em dia.

Porque há massas humanas que têm fome, frio e doença, só temos um pensamento: dar-lhe de comer para que vivam, aquecimento, etc.

O pão não chega. O que temos é pouco. Mas o pouco que temos partilhamos. Não é preciso ter muito para dar a quem precisa. Basta partilhar o que possuímos a mais e darmos um pouco de nós mesmos, do nosso coração.

A generosidade do coração tem o poder de multiplicar. Partilhemos também um pouco do nosso coração.

Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a força do teu espírito, e o Próximo como a ti mesmo (a ganância é uma terrível doença).

Crónica de viagem a África

ACOMPANHADO do Evaristo — um rapazinho de sete anos da nossa Casa do Gaiato de Benguela, o qual esteve a cargo da Casa do Gaiato de Lisboa, durante quase dois anos, para endireitar um pé na Ortopedia Portuguesa — viajei até Luanda num gigantesco avião da TAP.

As sete horas de voo passei-as muito agradavelmente, eu que aprecio tanto subir às alturas e mais também pelo simpático serviço que a tripulação oferecia aos passageiros.

Instalei-me junto duma janela saboreando do alto a vista de Lisboa, as esplêndidas cercanias, o magnífico e majestoso Tejo e para poder saudar a bela Luanda, logo que fosse possível enxergá-la.

Achei o aeroporto da capital angolana mais arrumado que em 1990, altura em que, de passagem, o tinha escalado. A disciplina do desembarque mais humana e a cobiça da Alfândega inalterável.

Aguardavam-nos, um aspirante e um Padre jesuítas.

A Fraternidade da Fé e da Comunhão na Igreja são forças admiráveis que apreciamos mais facilmente quando nos sentimos em mundos desconhecidos e se nos apresentam inspiradoras de confiança e de acolhimento.

— São do Gaiato? — gritava alguém, de um grupo de expectantes já fora do aeroporto.

— Somos, sim senhor!

Estávamos apresentados.

Um Padre que veio para Luanda em 1978 e aqui se tem mantido fiel à chamada de Deus, no meio de todos os perigos e correndo todos os riscos, e um jovem de Coimbra — minha querida Igreja de Coimbra que gera vocações tão belas! — a fazer o seu estágio vocacional com outros jovens no serviço aos mutilados e refugiados da guerra, no Norte interior de Angola; meteram as nossas bagagens no seu carro e levaram-nos para sua casa, num dos bairros pobres da cidade!

Como me consolei!... — ver os discípulos de Santo Inácio e de Jesus no meio dos Pobres, a viver com eles, acompanhando-os e fortalecendo-lhes a fé com a presença, a amizade e a Palavra, celebrando a Vida no meio da tribulação!...

Irrompeu-me, inesperadamente e imparável, a certeza do salmista: — *O Senhor não abandona o seu povo!* Estes Padres e estes jovens são a resposta concreta da Aliança de Deus!...

Que lindo e estusiasmante contemplar, de perto, a eficácia do Amor de Deus nestes rapazes que tudo deixaram nas suas pátrias, rompendo lá o marasmo vazio e fútil do ambiente juvenil. Partiram, levados pelo fogo do Espírito!... E querem fazer a experiência, deixando-se queimar! — Nada como provar a Fé.

Uma volta rápida pela Capital angolana suavizou-me a impressão demasiado pessimista de certos relatos. Se vier a paz e a estabilidade... Luanda voltará a ser uma bela cidade!...

A partida para Benguela fora adiada um dia.

Nunca é possível marcar exactamente as datas e os horários. O ritmo da vida angolana, neste tempo, é específico. Duas idas ao aeroporto, com os bilhetes na mão, deixaram-nos duvidosos.

Embarcar nos voos oficiais internos, chamados domésticos, é uma dificuldade nunca imaginada.

Os bagageiros oportunistas são um perigo! Podem roubar-nos o bilhete e as malas e deixar-nos à deriva. Insistem, teimam, exigem que lhes passemos tudo para a mão. Ai... de quem se não prevenir!

É um barulho de intensidade indescritível. Toda a gente discute, ao mesmo tempo, em altos brados. Todos querem ser primeiro!... Todos reclamam. É uma confusão infernal.

Protegeu-nos gratuitamente um simpático funcionário. Há sempre gente boa em toda a parte!

A viagem de Luanda a Benguela, com um voo de quarenta minutos, demorou mais que de Lisboa a Luanda, apesar do conforto da enorme aeronave e da gentil tripulação dos Transportes Aéreos Angolanos.

Aterrámos em Catumbela onde nos esperava o Padre Manuel António com alguns gaiatos.

Uma sensação de chegar a Casa e abraçar a família!...

Padre Acílio

RECEBEMOS — Assinante 43240, 5.000\$00. D. Margarida, 10.000\$00, Cheque de Elvira, 3.000\$00. Assinante 10770, vale de 3.500\$00. M. M., 10.000\$00. Um nosso admirador com 2.000\$00 e uma quadra: «Para quem dais o sustento/mando pequena migalha./Que Deus vos dê alento/e a mim sempre me valha.

Por alma da esposa de Joaquim, 10.000\$00. Anónimo, 10.000\$. Anónimo, 2.500\$00. Roupas de cama e pessoal, da assinante 42948, de Leiria.

Bem haja a todos os amigos que partilham com os mais necessitados. Deus lhes pague.

Maria Germana e Augusto

estão grandes. Só esperamos que estejam áspers para aproveitarmos as sementes, a lançar noutros campos.

MILHO — Estamos na colheita do milho. É boa a colheita, graças a Deus!

Está seco, mas não serve para a nossa alimentação. Só dá para ração dos animais.

PECUÁRIA — Este sector abrirá as portas daqui a alguns meses para leite fresco e carne. Ainda na semana passada o Paulo Jorge trouxe, de Benguela, algumas vacas leiteiras.

Jorge Zenildo

Futuramente, ficará com uma pequena e selecta floresta, bem tratada e bem bonita.

Os pedreiros têm feito, por lá, um bom trabalho, tanto nos muros de suporte como noutros pormenores.

Enfim, com o andar do tempo veremos árvores a crescer e a mata a desenvolver-se.

DOENTES — O vírus da gripe tem aparecido e alguns rapazes adoecido.

O nosso Padre Carlos tem recomendado para nos agasalharmos, mas há sempre quem se esqueça e a gripe espera os nossos percalços!

EXCURSÕES — Temos recebido grupos de jovens, especialmente estudantes.

Ficam sempre encantados com tudo o que vêem em nossa Aldeia, seja em relação à sua beleza como à nossa própria vida.

Chegam outras excursões, de paróquias, instituições, etc., que se deliciam também com os nossos ares. E não deixam de recordar Pai Américo.

Rui

Lição de catequese

Numa lição de Catequese, do primeiro ano, falei aos pequenitos na obra e vida do Padre Américo. Sugeri que motivassem os pais para assinarem O GAIATO. Houve dois que trouxeram dinheiro na lição seguinte porque pensaram que eu «vendia» os jornais! Para facilitar, resolvi enviar as quantias que recebi, bem como as moradas dos pais, com seu conhecimento.

Assinante 53289

Nunca envelhece!

Continuo a ler O GAIATO com o entusiasmo da minha juventude. É um «jornalzinho» que nunca envelhece e, sendo «pequenino», é uma gota de água pura no mar encapelado da vida.

Assinante 16297

Presença formativa

O meu pequeno contributo para continuarmos a

CARTAS

Desde já me coloco à disposição para vos servir em tudo o que for possível, sempre que mo solicitem, concretamente.

Assinante 56912

Pão para os Pobres

Uma pequena oferta do pão que me sobra para colocarem na mesa dos nossos irmãos onde tantas vezes ele é tão raro, ou para outra necessidade em primeiro lugar.

Assinante 65948

Testemunho de amor

Muito prezo o testemunho de amor que dá a Obra da Rua e a leitura do seu periódico, o Famoso. Muitas felicidades para a vossa acção neste novo ano de 1997. Que o Espírito do Senhor esteja em nossos caminhos. Bem haja.

Assinante 32295

beneficiar da «presença» informativa/formativa, e sempre pedagógica, do «nosso» O GAIATO.

Assinante 64058

Bálsamo de paz

Nos dias que vivemos, é um bálsamo de paz ler as páginas d'O GAIATO escritas com tanta simplicidade e ternura!

Assinante 32934

Despertar consciências

Continuem a despertar consciências — tal como fizeram comigo e com o meu pai — dando a conhecer os maravilhosos objectivos que motivam tanta Força para «caminhar».

MALANJE

VISITA — Desta vez foi a «Associação da velha guarda de Malanje». Bem, eles estão a fazer um projecto nos arredores da nossa Casa para velhos sem família. Entretanto, vieram lançar a primeira pedra e trouxeram a equipa de televisão que filmou a nossa Aldeia.

A visita foi deslumbrante. Gostámos imenso.

TELEVISÃO — Foi uma pena termos perdido esta grande filmagem da nossa Casa, apresentada na televisão! Isto porque os nossos televisores não apanham a I.P.A. No entanto, se alguém nos puder arranjar uma antena parabólica, agradeceremos antecipadamente.

ANO LECTIVO — Principiou o novo ano escolar. Estamos entusiasmados com o começo das aulas. Pois é através dos estudos que nos faremos homens de personalidade.

OFICINAS — As de carpintaria e serralharia estão em funcionamento desde o ano passado. Embora com algumas dificuldades, alguns rapazes aprendem já uma arte, o que é muito bom para a sua carreira profissional.

GIRASSOL — Semeámos girassóis, há dois meses. Já

Arte de viver

Há gente que por viver numa cidade

Se considera civilizada. Mas pensa, sente e age Como um autêntico selvagem.

Há selvagens Sem reciclagem Vivendo em matas. Mas bem no fundo São mais puros Do que a gente duma cidade Que se considera civilizada.

Não mais conflitos Entre as raças. Cada qual com seu espírito Professe até morrer A arte de viver Uma vida equilibrada.

Manuel Amândio

PAÇO DE SOUSA

GENTE NOVA — Continuamos a acolher mais rapazes, em nossa comunidade. Rapazes que precisam da nossa Obra.

Entretanto, chegaram dois gémeos que pareciam muito tristes. Foi ilusão. Com o tempo (é mesmo assim) não querem agora outra coisa se não estar aqui. É a nossa Casa.

OBRAS — A mata está mais nova!

PASSO A PASSO

O dinheiro é fonte de misérias e sanador de miséria

OUTRA vez o senhor dinheiro. Ele quer, de facto, ser senhor. Sempre o quis. Atrai, gera cobiça, domina e, por fim, escraviza. Este é o processo que usa para estabelecer o seu reino.

Uma vez mais o Bruno foi atingido na sua fraqueza. Não resistiu e estendeu a mão ao fruto do trabalho de um irmão. Rapidamente estes contos de réis tiveram poder para contagiar outros rapazes.

A sorte foi que o gato deixou o rabo de fora e por ele se descobriu toda a tramóia. Sorte para o pequeno ladrão e seus companheiros, sorte porque pudemos fazer algo para, deste mal, tirar algum bem.

Demos mais uma vez de caras com o hábito de roubar. Chamam-lhe cleptomania. Dizem que é uma doença, mas espero que não incurável.

O Bruno é habituê nestas coisas. Mas algo surgiu de novo — não ficou com o produto do roubo, mas deu-o a outro rapaz para guardar. Será que terá sentido as mãos a queimarem-se-lhe? Que bom seria... O futuro dirá.

Por seu lado, o guardador não se conteve: foi logo comprar um rádio-leitor, talvez pôr em prática um desejo sonhado. Vi-lhe, depois, no rosto, sinais de arrependimento. Foi certamente a sua inocência imprudente que lhe abriu os bolsos para receber o dinheiro.

O terceiro vértice do triângulo, foi um rapaz com mais responsabilidade. Aceitou uma parte como empréstimo. Uma tentação a que não resistiu

e que serviu de apoio e alívio para quem tinha em suas mãos matéria tão abrasadora.

Temo-nos alegrado tantas vezes por causa de um bem que se alcança na vida dos Pobres por via do dinheiro. Pela construção e reconstrução de vidas tantas vezes desesperadas. Temos sofrido também por obras realizadas com base no dinheiro.

Fonte de misérias, sanador de miséria! O dinheiro e tudo o que se lhe relaciona, continuam na nossa ordem do dia e na desta sociedade de que fazemos parte.

Enquanto realizamos o êxodo da nossa vida, bezerras de ouro se vão fabricando e enganando com o seu forte brilho, a incautos e a sós. Será que o nosso Moisés nos abandonou ou já não O queremos a conduzir-nos?

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Tradição abençoada que se repete

ONTEM, domingo 3.º da Quaresma, foi o peditório na Igreja de S. José. Uma tradição abençoada que se repete há muito. Quando lá chegamos toda a gente está, há muito, informada e vem devidamente prevenida. Padre João, Prior daquela grande comunidade, prepara tudo muito bem. O Boletim Paroquial, dois domingos antes, anuncia data e, no anterior, insere na caminhada pastoral da comunidade e da liturgia: «É o dia do Gaiato. A Casa do Gaiato recebe os filhos que os pais não querem, educa e prepara para a vida os filhos dos pais que não são capazes de educar. A Casa do Gaiato garante a vida».

E foi da vida que falámos. A Casa do Gaiato garante a vida. Serviu de mote. Recordei, várias vezes, no altar, os filhos «a mais» que os Pobres geram e dão à luz; que aceitam e não matam, às vezes em condições tão precárias, enquanto outros se banqueteam egoisticamente na vida.

Peditório

Hoje, o Peditório foi iniciar o seu primeiro emprego. Faz-nos tanta falta durante o dia... O Peditório já tem 22 anos e o 12.º ano concluído há mais de dois anos. É nosso desde pequenino. É discreto, amigo de todos e muito atento sobretudo às necessidades dos mais novos. Um Amigo, de Coimbra, lembrou-se de nós e ofereceu oportunidade. Acreditamos que em bom lugar e boa hora. Também assim se garante a vida.

Criança com nome próprio

Os Rotários da Zona Centro, mais uma vez, no Casino da Figueira da Foz, promoveram o seu encontro anual. É um encontro muito concorrido. Vem gente de todo o Centro do País. A nossa família — Casa do Gaiato — já encontrou no coração de todos um lugar significativo. É o 2.º encontro que realizam a pensar na Criança com nome próprio: o Gaiato. Os factos falam por si. Basta de discursos, de campanhas publicitárias e de manipulações.

Abílio não perdeu o sentido da vida

Hoje, ainda cedo, fui ao Centro de Saúde. Pedi licença para ver o nosso Abílio. Está ali internado, há já longos meses. É muito bem tratado. Estava de barba muito bem aparada. Tinha sido um dos nossos, ontem. Estive pouco tempo. Mas, como ele fica contente quando alguém, de nós, aparece...! Está sempre informado da nossa vida. É curioso o seu interesse por tudo. Não perdeu o sentido da vida que lhe foi dado em família.

Padre João

PENSAMENTO

Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino.

PAI AMÉRICO

MALANJE

As nações poderosas continuam a fabricar minas e explosivos!

É vulgar ouvir dizer a dois que lutam ou se zangam: — Eu mato-te.

A viverem desde o berço na escola da violência — não admira: tiros na noite, assaltos e roubos, mutilados de minas que mendigam nas ruas... Escola sem bancos, mas bem presente e eficaz nas praças, nas ruas, nos lares!

Mesmo agora com a esperança da paz, os molhos de violência que as televisões do mundo nos dão!

As nações poderosas, frias e indiferentes, continuam a fabricar minas e engenhos de matar. Pagam depois (benfeitores hipócritas!) milhões de

dólares para a desminagem... E a sociedade das nações bate palmas e sorri... Belo!

Todos os dias encontro mutilados, geralmente, a exigirem esmolas com modos agressivos. A maior parte nem foram soldados; gente simples e muitas crianças que tiveram um mau encontro com mina traíçoira colocada na lavra. Requentes de malvadez... A guerra é, de facto, um «monstro»!

A sociedade não tem ainda bancos de réus para tamanha crueldade... É pena!

* * *

O nosso António foi a Luanda devido a uma infecção dos ouvidos.

Tratámos de tudo: consulta, lugar onde ficar e viagem.

Uma vez em Luanda, nem sequer foi à consulta. Safu sem «água vai» e, consta, foi ter com o pai.

Seria tão bonito dizer-nos que tinha pai e desejava ir para ele! Falar e dizer adeus à família que o acolheu.

É para nós uma alegria o aparecimento da família de alguns dos nossos rapazes. Seis já se reencontraram com os seus familiares. Foi uma alegria!

Logo, após, acudimos a outros tantos em abandono.

Padre Telmo

Continuação da página 1

Esta é uma coluna dos que ainda acreditam e esperam e actuam. E tornaram possível o regresso da Rua a Angola e Moçambique e sustentam o processo de restauração social de que as Casas do Gaiato, lá, são sinal visível e causa eficiente.

É uma coluna, pedra a pedra, erguida pelo Povo Português que nos permite o desenvolvimento do processo sem a dependência debilitante do Estado e também das grandes Cooperação Humanitárias Internacionais que, pela sua grandeza e multiplicidade de intenções, acabam por esmagar, mais do que levantam; e, pior, adormecem e esterilizam o esforço próprio dos Povos que é fundamental para o seu autêntico ressurgimento. Este nunca se atingirá só por força de valores económicos, mas por uma re-formação cultural sem atropelo dos valores autênticos da cultura própria.

Que pena os governantes não terem entendido o que o

Ecos d'África

nosso Povo entende tão bem! Ei-lo com as suas presenças plenas de espírito que vivifica:

«Perdoaram-me uma dívida. Ficámos com algum para nós. O resto... gostaríamos que fosse para África. Reza-mos para que Deus nos continue a dar ânimo e alegrias».

Foi Coimbra. Agora é Paço de Arcos: «Que uma boa parte do cheque se destine aos rapazes de Angola e Moçambique, tão carenciados, como tem alertado o bom Padre Telmo e os outros sacerdotes que lá vão labutando e que Deus ajude».

Do Marco de Canaveses: «O resto da assinatura gostaria que fosse para telhas ou chapas de zinco para os que não têm casa, aqui ou em Angola».

Um Irmão no Sacerdócio, imaginativo e incansável no seu hábito de repartir, tran-

substancia em Caridade o gesto piedoso e tradicional da «osculação do Menino Jesus neste Natal»: uma batelada de contos!

Adões, uma Maria que assim se apresenta e nós reproduzimos tal qual: «Eu já estou *acuasi arromada*, já terminei os 80. *Aí bai* a minha consoada como já é costume *bai* para as casas de África». Não há dúvida que a Sabedoria é muito mais importante que a ciência!

Um casal da Vista Alegre: «Gostaríamos que, se possível, esta verba fosse dividida pelas vossas Casas de Portugal, Angola e Moçambique. Temos consciência de que é muito pouco para o muito que é preciso e do qual o vosso Jornal é excelente mensageiro».

Outro Engenheiro, do Porto. E por perto dele, S. Crispim, outra maquia

grande entregue com a mesma devoção, «para a Casa do Gaiato em Angola, na zona mais carenciada». São todas!

É uma Marinha, de Santo Tirso. E uma Maria Emília, do Porto, «não podendo deixar de lembrar esses valentes que se têm mantido numa missão tão nobre e difícil em Angola e Moçambique».

Outra Maria Emília, de Guimarães. E um casal de Avós, de Lisboa, com «desejos das bênçãos de Deus para os vossos trabalhos e canseiras, cá e em África».

... E uma prece pela neta, Ana Luísa: «O Pai Américo, no Céu, a junte aos seus pequeninos; ela tem 12 anos e continua muito doente».

Fica um espólio imenso de bafos e desabafos semelhantes aos que aí vão.

Talvez o aludido Encontro que o Dr. Emami Lopes anunciou, seja oportunidade para não espaçarmos tanto estes Ecos.

Padre Carlos

BENGUELA

O regresso do «Kandimba»

PADRE Acílio veio visitar-nos. Esteve connosco meia dúzia de dias, que o tempo de que dispunha era muito limitado. Já partiu para Malanje e Moçambique. Trouxe, entretanto, um presente de muita categoria: o «Kandimba».

Trata-se da criança mais pequena da nossa Casa do Gaiato. Veio, há quatro anos, da cidade do Cubal, no interior de Angola, juntamente com outras crianças, evacuadas de emergência, em helicóptero, por causa dos bombardeamentos. Trazia uma deficiência grave no pé direito, que o fazia andar com a planta do pé para cima.

O Padre Cristóvão, da nossa Casa do Gaiato de Lisboa, de passagem por Benguela, prontificou-se a tê-lo consigo durante o tempo necessário, a ver se os médicos conseguiam consertar-lhe o pé. O «Kandimba» partiu para

Lisboa, há dois anos. Regressou, agora, a sua casa, com o pé quase a 100% no seu lugar. Foi uma alegria muito grande para os companheiros que cá deixou. Nos primeiros dias era o centro de todas as atenções, sempre rodeado por um grupo de pequenos, como se de irmãos se tratasse. E é verdade; entre eles geram-se laços tanto ou mais fortes que os laços de sangue. É o amor que os prende uns aos outros.

Este é um dos caminhos mais ricos de humanidade e cultura que leva uma pessoa ou um povo a ficar na história doutro povo para sempre.

Estive, há dias, no hospital da Vila da Catumbela com outro dos nossos pequenos, vítima dum acidente. Fui, lá, porque sabia de dois médicos egípcios a trabalhar naquela unidade hospitalar, que, em tempos, nos visitaram e se prontificaram a prestar todos os

serviços necessários. Como fiquei contente pela prontidão e carinho com que atenderam o nosso rapaz! Como gostava de ver algum médico português neste ou noutro hospital! Mas, nenhum! Em Benguela, no Hospital Central, estão dois vietnamitas. Nenhum português! Em outros hospitais, a mesma coisa! Portugal quer estar presente, agora e no futuro, em Angola? Só com empresas de construção civil? Só com bancos? Numa escala verdadeiramente humana, que chega ao coração do povo, do povo anónimo, que é o verdadeiro povo e a verdadeira nação angolana, é tão frágil e diminuta, a nosso ver, a presença de Portugal! Que dizer do sector da Educação? Não encontramos professores portugueses nas escolas de qualquer nível. Que ideia de Portugal ficará na cabeça e na história destes filhos de Angola, depois do cha-

mado período revolucionário? Porque me dói o coração, ao falar desta maneira? É a necessidade urgente de dar a mão por amor! e por justiça!, ao povo de Angola. Em nosso entender, Portugal no seu todo com a Igreja à frente está mais preparado de que ninguém para entender esta gente.

Quem me trouxe por este caminho? Foi o «Kandimba» com a sua perna consertada, graças ao apoio da nossa Casa do Gaiato de Lisboa. Parece que não safu da sua família. Mudou, tão somente, de lugar. Se visseis o rosto das mães que o conheceram antes, ao vê-lo, agora, com o pé no seu lugar, cheio de alegria, diríeis como eu: — É por este caminho de humanidade que uma pessoa ou um povo entra na história doutra pessoa ou doutro povo para ficar.

Padre Manuel António